

Resenha de Filme

**REFLEXÕES SOBRE O FILME *VOCÊ NÃO ESTAVA AQUI* À LUZ DA
PSICOPOLÍTICA DE HAN¹²**

**Reflections on the Movie *Sorry We Missed You* with the Perspective of Han's
Psychopolitics**

Carla Furtado³ 

Universidade Católica de Brasília (UCB)⁴
Brasília, Distrito Federal, Brasil.

Lêda Freitas⁵ 

Universidade Católica de Brasília (UCB)
Brasília, Distrito Federal, Brasil.

Juliana de Andrade Rocha Gonçalves⁶ 

Universidade Católica de Brasília (UCB)
Brasília, Distrito Federal, Brasil.

Resumo

Esta resenha crítica analisa o longa-metragem *Você Não Estava Aqui* (*Sorry We Missed You*, original), do diretor Ken Loach, filme realizado em 2019 e lançado no Brasil em 2020. A análise é realizada à luz da obra *Psicopolítica – O Neoliberalismo e as Novas Técnicas de Poder*, de Byung-Chul Han (2018). O drama narra a história de um pai de família, Ricky, que tem uma rotina exaustiva de trabalho como entregador autônomo em meio ao empreendedorismo neoliberal. Na era do trabalho controlado pelos algoritmos, o filme olha para o processo de uberização das relações de trabalho, ausentes de direitos e precarizadas. Ao retratar o cotidiano de 14 horas de trabalho do protagonista como entregador, revela a lógica das empresas de aplicativos, que consideram os entregadores como empreendedores, submetidos à ideologia da autonomia e da liberdade para trabalhar. Cena após cena, evidencia-se a psicopolítica de Han, que descreve o trabalhador empreendedor da era neoliberal como destituído de sua liberdade, propenso à compulsão e sem condições de resistência.

Palavras-chave: Saúde mental. Trabalho. Neoliberalismo. Psicopolítica. Uberização.

¹ Editora responsável pela avaliação: Prof.^a Dr.^a Liliam Deisy Ghizoni.

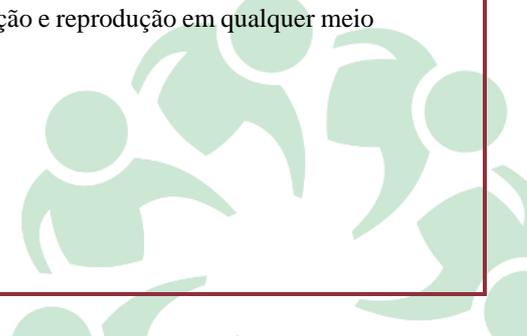
² Copyright © 2023 Furtado, Freitas & Gonçalves. Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons. Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

³ carla@carlafurtado.com.br

⁴ QS 07, Lote 01, Taguatinga Sul - Taguatinga, 71966-700, Brasília – DF.

⁵ ledagfr@gmail.com

⁶ juliana.rocha@ifb.edu.br



Abstract

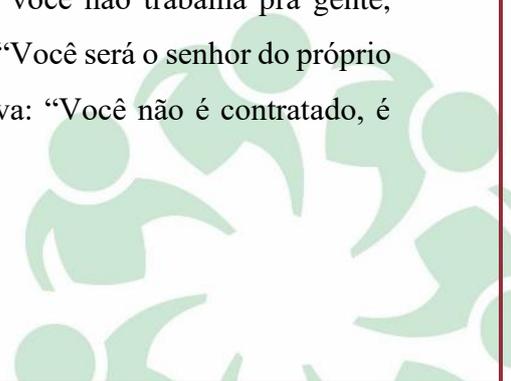
This critical review analyzes the feature film *Sorry We Missed You*, directed by Ken Loach, a film made in 2019 and released in Brazil in 2020. The analysis is carried out in the light of the work *Psychopolitics – Neoliberalism and the New Techniques of Power*, by Byung-Chul Han (2018). The drama tells the story of Ricky, who has an exhausting work routine as a self-employed delivery man in the midst of neoliberal entrepreneurship. In the era of work controlled by algorithms, the film looks at the process of uberization of labor relations, absent of rights and precarious. By portraying the protagonist's 14-hour daily work as a delivery man, it reveals the logic of app companies, which consider delivery men as entrepreneurs, subject to the ideology of autonomy and freedom to work. Scene after scene shows Han's psychopolitics, which describes the enterprising worker of the neoliberal era as stripped of his freedom, prone to compulsion and unable to resist.

Keywords: Mental health. Work. Neoliberalism. Psychopolitics. Uberization.

O presente texto apresenta uma reflexão sobre o filme *Você Não Estava Aqui*, título original *Sorry We Missed You*, do diretor Ken Loach (2019), à luz do conceito de psicopolítica proposto por Han (2018) na obra *Psicopolítica – O Neoliberalismo e as Novas Técnicas de Poder*. A temática do filme *Você Não Estava Aqui*, gravado na Inglaterra, é a vida exaustiva de um trabalhador entregador, em nossa época de trabalho precário, ainda mais precário no contexto do capitalismo neoliberal.

O filme narra a fatigante rotina de Ricky Turner, interpretado por Kris Hitchen, como entregador que trabalha em torno de 14 horas por dia, sem tempo de ir ao banheiro e de convívio com sua família. Em tempos de trabalho sem quaisquer direitos, o diretor Loach protagoniza os novos vilões do gerenciamento das relações de trabalho, quais sejam, os algoritmos. Estes controlam e definem o ritmo do trabalho, num processo de uberização, no qual o trabalho é ainda mais flexibilizado e precarizado (Antunes, 2018).

Já na cena de abertura, Ricky é entrevistado por Maloney, responsável por uma das operações da *Parcels Delivered Fast* (PDF; em tradução livre, Encomendas Entregues com Rapidez), que apresenta as condições promissoras de integrar o negócio como entregador “franqueado”. Maloney não é o proprietário, é o porta-voz da economia GIG – economia baseada em plataformas de *freelancers*, o elo entre acionistas invisíveis e precariado invisibilizado. É o responsável por apresentar a ideologia do “você não trabalha pra gente, trabalha com a gente”. A promessa é de liberdade e autonomia – “Você será o senhor do próprio destino”, afirma o funcionário da PDF. E segue com a narrativa: “Você não é contratado, é posto a bordo”; “Você não dirige pra gente, presta serviço”;



“Você não bate ponto, se coloca à disposição”; “Não há contrato e não há metas, você alcança o Padrão de Entrega”; “Não há salários, há honorários”.

O discurso do gerente sustenta a teoria de Han (2018, p. 9), quando afirma que “a passagem do sujeito ao projeto é acompanhada pelo sentimento de liberdade”. É da exploração da liberdade que se alimenta a psicopolítica, visto que o capital se multiplica à medida que o sujeito se relaciona consigo mesmo na condição ilusória de capital. E, ainda mais, à medida que compete livremente com seus pares.

O termo *psicopolítica* é anterior à obra de Han, tendo sido mencionado por diferentes pensadores em diferentes abordagens, como Richards (1942) e Lebeau (1998).

Já neste século, Stiegler (2008) cunhou o *psicopoder* que, assim como a psicopolítica em Han, reconheceu que a biopolítica de Foucault (2013) não era capaz de explicar os fenômenos do século 21. Contudo, Stiegler não considerou o papel central das mídias digitais no neoliberalismo.

Em Han (2018), a psicopolítica se delineou ao aprofundar o conceito, constituindo uma estrutura abrangente de ideologia e ação. No lugar da disciplina para forjar corpos dóceis, o neoliberalismo passou a se valer da colonização voluntária da psique humana, convertendo trabalhadores sem trabalho em empreendedores sem empreendimento. A ascensão da economia de plataforma, a crescente desregulamentação do trabalho e a narrativa de liberdade individual são alguns dos constituintes dessa arquitetura.

Você Não Estava Aqui leva o espectador a ingressar na intimidade dos trabalhadores da economia de plataforma, um neologismo para a formalização da informalidade. Ricky, personagem principal, representa aqueles que diariamente batem às portas dos condomínios, fazendo a entrega do que se come, do que lê, do que se veste. Representa milhões de brasileiros que vivem na opacidade. Embora a falta de transparência das companhias não permita saber o número preciso de trabalhadores, de acordo com a Organização Internacional do Trabalho (International Labour Office, 2021), as plataformas cresceram 500% nos últimos 10 anos em todo o planeta.

Segundo Han (2018), na ditadura do capital, a liberdade individual é explorada ao máximo. Desse modo, enquanto trabalhadores competem individualmente, explorando a si mesmos, sendo “sua própria empresa”, o capital se multiplica e a concentração de renda torna-se a maior em toda a história do sistema capitalista. A liberdade sem mecanismos sociais de proteção conduziu a coerção, antes externa, para o *locus* interno. Em uma classe batizada de precariado, neologismo constituído por precarização e proletariado (Standing, 2020), a exploração deu lugar à autoexploração visto que tudo que se possui para comercializar é a

própria força de trabalho. Dessa forma se instalou o que Han (2018) chamou de excesso de positividade, com a obsessão pela otimização ilimitada do próprio desempenho.

Em *Sociedade do Cansaço*, Han (2014, p. 52) afirmou: “o aumento excessivo de produção leva ao enfarte da alma”. Em *Psicopolítica – O Neoliberalismo e as Novas Técnicas de Poder*, relacionou os transtornos mentais e comportamentais, como a depressão e a síndrome de *burnout*, à autoexploração voluntária, e estão postos em números. Em uma civilização pautada pela performance, o impacto não poderia ser medido de outra forma que não financeira: em 2030, o custo mundial dos transtornos mentais e comportamentais deverá alcançar a casa dos US\$ 6 trilhões, sendo cerca de dois terços desse valor relacionados à evasão de recursos por dias de trabalho perdidos em decorrência de incapacidade laboral ou morte (Mnookin et al., 2016).

Esses aspectos foram retratados na obra de Loach, cuja filmografia classifica-se como política. *Você Não Estava Aqui* se passa em 2018, na cidade de Newcastle, Inglaterra, e narra a história do personagem Ricky Turner, a esposa Abby e os filhos Lisa, 11 anos, e Seb, 15 anos. Ainda sobre o impacto da crise econômica de 2008, Ricky vaga em uma busca fracassada por emprego na construção civil, sua área original de atuação. É nesse contexto que surge a oportunidade na PDF, empresa de entregas exclusivamente baseada na prestação de serviços independente, com a promessa de pagamento rápido em troca de turnos de 14 horas por dia, seis dias por semana. Mergulhado em dívidas intermináveis e, sob risco de perda da casa financiada, Ricky vende força de trabalho, corpo e alma.

Em contraponto à dialética do senhor e do escravo de Hegel (2013), na qual há explorador e explorado, na psicopolítica de Han ambos estão contidos no próprio sujeito que é servo-senhor, um solitário detentor dos próprios meios de produção. Dominado pela ditadura do capital, vive a autoexploração e, diante da ausência da hierarquia de classes, destina sua agressividade contra si. Para o autor estaria aí um dos fatores para a escalada de transtornos mentais e comportamentais, como a depressão e a síndrome de *burnout*.

O filme é uma costura de falácias do sistema, como o endividamento disfarçado de investimento. Para trabalhar, Ricky precisa alugar ou comprar uma van. A escolha parece ser do motorista, porém não há escolha. Caso opte por alugar, precisará desembolsar 2.000 libras por mês, contra 400 libras do financiamento. Abby é coagida pelo marido a vender seu carro, o único bem da família, para que se cumpra o depósito da transação. “Em dois anos compraremos uma casa”, argumenta Ricky. Cuidadora autônoma de idosos, ela é diretamente afetada pelo modelo de negócio da PDF, pois passa a se locomover da casa de um paciente a outro, sob rígido controle de horário pelo empregador, por transporte público.

A cena do primeiro dia efetivo de trabalho remete à produção industrial, na qual motoristas movem carrinhos repletos de encomendas em direção ao bagageiro das vans, sob gritos do supervisor. São os operários informais da economia de plataforma, sem direitos trabalhistas, mas uniformizados e disciplinados integrantes da linha de montagem. Antes de iniciar as entregas, Ricky recebe um *scanner* que Maloney chama de “coração do depósito”. Mais tarde, o equipamento se revelará uma panóptico, controlando todos os seus movimentos, que culminarão com o uso de uma garrafa plástica para urinar para não perder tempo e manter o “padrão de entrega”.

O filme segue com a integração de Ricky à rotina de 14 horas de trabalho por dia, seis dias por semana, e o crescente distanciamento da promessa de autonomia e remuneração competitiva. No lugar, crescem os conflitos com a mulher e com os filhos e a degradação da saúde física e mental do protagonista. “Você não estava aqui” é a frase impressa no cartão deixado pelo entregador quando não há ninguém em casa para receber uma encomenda. Revela também o estado do protagonista, cada vez mais ausente da família e de si mesmo.

Esse recorte reitera a atualidade do pensamento de Bauman (2007), que definiu esta como a era do caçador. Enquanto metáfora, representa a vida resumida a uma caça ininterrupta. Caçar é uma utopia sem fim, não oferece significado para a vida, só ajuda a afugentar da mente as questões relativas a sentido e propósito. E é preciso caçar ininterruptamente para não se tornar caça. O tempo dos caçadores é o tempo da individualização, da solidão, do isolamento. Esse pensamento de Bauman ganha uma nova camada com Han, com a delineação de que há uma força maior que os desejos e decisões do indivíduo operando nessa direção.

Com pai e mãe exaustos, o adolescente Seb passa a adotar um comportamento de risco, com distanciamento da escola e pequenas contravenções. O pai se preocupa com o futuro do menino que afirma não querer ir para a universidade já que depois acabará trabalhando em um *call center* ou dirigindo uma van branca. Na mesma cena, Ricky divide com a mulher a preocupação de que sejam multados pelo Estado devido à ausência do filho nas aulas. Esse mesmo Estado, que não aceita crianças fora da escola, viabiliza a precarização do trabalho de seus pais, favorecendo a formação de uma geração de desesperançosos.

A psicopolítica de Han introduz o poder inteligente, onipresente e invisível. Nele, o capital é o senhor dos senhores e, servindo aos seus interesses, liberdade e comunicação ilimitadas oportunizam tudo. Dada a inteligência neoliberal, o sujeito se submete de modo inconsciente a total monitoramento e controle. Com isso, são inúmeros os preços pagos, da privação da autonomia e do pertencimento – necessidades psicológicas básicas (Ryan & Deci, 2000), ao profundo sofrimento psíquico.

A violência sutil desse sistema ganha corporeidade na cena em que o protagonista é assaltado e espancado. Roubam-lhe mercadorias, chutam seu corpo e despejam sobre ele a própria urina depositada na garrafa plástica jogada no bagageiro. Não é um empreendedor que vai ao chão, é um cidadão do Estado mínimo. Horas mais tarde, enquanto aguarda por atendimento médico, é informado pelo supervisor que deverá pagar 500 libras por dois passaportes roubados não cobertos pelo seguro, além de mil libras pelo “coração do depósito”, o *scanner* pessoal, destruído pelos marginais.

Ao se afastar do trabalho, o precariado não apenas deixa de receber, mas passa a constituir dívida. Trata-se do primeiro grupo na história a perder direitos civis, sociais, culturais, políticos e econômicos (Standing, 2020). A dívida com o financiamento da van e o assalto e as perdas com cada dia de convalescência fazem com que Ricky vista a camisa da PDF e saia de casa antes mesmo que alguém acorde. Machucado e com dor, prepara-se para manobrar o veículo quando surge seu filho, seguido de sua mulher. Abby e as crianças tentam parar a van com as próprias mãos – impossível não enxergar o embate entre Família × Neoliberalismo. O esforço é em vão. Subsumido, na cena final ele dirige para o trabalho.

Refletir sobre a atual precarização do trabalho demanda que se deem alguns passos em direção ao passado para se compreender que, um dia, o trabalho consistiu na relação de troca entre homem e natureza com o objetivo de satisfazer necessidades – o chamado valor de uso. Foi com o capitalismo que o trabalho passou a ser direcionado à criação de mais valia. A partir daí ser humano e trabalho não só se separaram como também passaram a se estranhar. Nesse contexto, o trabalhador se tornou uma peça a serviço da rentabilidade e a força de trabalho converteu-se em mercadoria (Marx, 1985).

Com a ascensão do neoliberalismo, há cerca de quatro décadas, com os governos de Margaret Thatcher, no Reino Unido, e Ronald Reagan, o sistema econômico capitalista constituiu uma ideologia que vê a competição como umas das mais relevantes características das relações humanas, redefine cidadãos como consumidores e instala um processo que supostamente recompensa o mérito e pune a ineficiência (Monbiot, 2016). Faz tudo isso não com a força, mas com a participação submissa e inconsciente dos sujeitos.

A psicopolítica, enquanto dispositivo do capitalismo neoliberal, sequestra a psique por meio da positividade e da sedução. De um lado a ideologia do “tudo é possível”, do “trabalhe enquanto eles dormem”, da meritocracia como valor máximo. Do outro, a moeda do “curtir”, que faz com que o sujeito comunique exaustivamente, alienado da condição de produto e não de cliente das redes sociais. A psicopolítica de Han mostra que a ideologia neoliberal vai muito

além da política econômica e das condições materiais e reformula o sujeito e a vida psicológica e, portanto, sua subjetividade.

Um dos marcos dos tempos atuais é a expansão da economia de plataforma. Capitalistas criam soluções de economia compartilhada com capacidade de disseminação global, eximindo-se de quaisquer responsabilidades com trabalhadores, consumidores e sociedade para ganhar até um terço do que é produzido. Em *Você Não Estava Aqui* é retratada a realidade do trabalho nos centros onde são distribuídos os produtos adquiridos *on-line* – sem que se saiba onde e em que condições foram produzidos, e sem que se percebam as condições de vida e de trabalho dos entregadores. Nesse sistema, o Estado neoliberal tem papel preciso: a desregulamentação dos negócios de plataforma somada à flexibilização das leis trabalhistas.

Esse modelo prolifera, dando corpo ao que se convencionou chamar de “uberização do trabalho”. A expansão de empresas que oferecem serviços “uberizados” fortalece a manutenção do modelo e o aumento do contingente de trabalhadores que aderem a ele e isso se intensifica em um quadro econômico caracterizado pelo déficit de empregos formais. No caso do trabalho mediado pelos aplicativos são evidentes as características de precarização: ausência de vínculos, insegurança, incerteza, sujeição, individualismo, sequestro do tempo (Franco et al., 2010). Além disso, todos os custos e riscos são transferidos ao trabalhador que sofre, ainda, pressão por meio das avaliações dos usuários.

Esses profissionais são amadores que disponibilizam seus serviços nos aplicativos, sem contrato e sem direitos. Estão sujeitos à intensificação do trabalho, marcada por longos períodos laborais, com vistas a lograr um rendimento suficiente à sobrevivência. Com foco no crescimento do lucro, o preço do novo capitalismo é o adoecimento psíquico crescente, evidenciado por epidemias de depressão, transtorno de ansiedade, síndrome de *burnout* e suicídio.

Estado, iniciativa privada, trabalhadores e consumidores estão intrincados nesse círculo vicioso. Como romper com isso? Gaulejac (2007) defende a reintrodução da reflexão para retomada do ser humano enquanto sujeito, não mais como mero recurso a serviço do capital. A educação é também primordial para esse enfrentamento: de um lado para que as pessoas não necessitem se submeter a condições de trabalho degradantes e, do outro, para que não se tornem empregadores exploradores-escravistas (Santos & Camilo, 2023).



Considerações Finais

Há forte dissonância entre o que define o 8º Objetivo do Desenvolvimento Sustentável preconizado pela Organização das Nações Unidas para alcance em 2030 – que é Trabalho Decente e Desenvolvimento Econômico – e a pujante economia de plataforma. Se de um lado apresenta-se a narrativa da promoção do emprego pleno e decente para todos, do outro avança o desmonte de décadas de construção dos direitos trabalhistas. O trabalho, enquanto meio de vida, mata simbólica e efetivamente, como ilustra o filme *Você Não Estava Aqui*.

A psicopolítica de Han mostra que o trabalhador, no filme representado pelo personagem Ricky, não está no exercício de sua liberdade, tornou-se compulsivo e não há resistência para a própria compulsão. Assim, o sujeito perpetua seu sofrimento. Para Gaujelac (2007), não há remédio de dose única para o enfrentamento, são necessárias doses homeopáticas para que sujeito e sistema enxerguem a si mesmos.

No filme, o *scanner*, apelidado de “coração do depósito”, é uma combinação perversa do panóptico de Jeremy Bentham – que tudo vê e controla –, ao banóptico de Zygmunt Bauman – que expurga tudo que não responde conforme esperado. Constitui um equipamento pessoal de vigilância. Contudo, não são apenas os trabalhadores da economia de plataforma que estão submetidos a isso: as redes sociais premiam os que prestam contas do que fazem e punem os que se abstêm. Para se manter relevante, o sujeito exausto precisa produzir conteúdo vigoroso.

Diferente de assistir ao filme, no caso da psicopolítica não se é apenas espectador porque ela atravessa todos que produzem, premiando-os, e todos que não produzem, penalizando-os. Ela está presente no discurso meritocrático, na retórica de propósito e legado, no troféu do sucesso, no selo de verificação das redes sociais. Ela forja subjetividades, fazendo com que boa parte do adoecimento psíquico pareça uma experiência pessoal e não, social.

REFERÊNCIAS

- Antunes, R. (2018). *O privilégio da servidão: O novo proletariado de serviços na era digital*. Boitempo.
- Bauman, Z. (2007). *Tempos líquidos*. Jorge Zahar.
- Foucault, M. (2013). *Vigiar e punir*. Vozes.
- Franco, T., Druck, G., & Seligmann-Silva, E. (2010). As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 35(122), 229–248. <https://doi.org/10.1590/S0303-76572010000200006>

- Gaulejac, V. (2007). *Gestão como doença social: Ideologia, poder gerencialista e fragmentação social*. Ideias e Letras.
- Han, B. C. (2014). *Sociedade do cansaço*. Relógio D'Água.
- Han, B. C. (2018). *Psicopolítica: O neoliberalismo e as novas técnicas do poder*. Veneza.
- Hegel, G. W. F. (2013). *Fenomenologia do espírito*. Editora Vozes.
- International Labour Office. (2021). *World employment and social outlook 2021: The role of digital labour platforms in transforming the world of work*.
- Lebeau, V. (1998). Psychopolitics: Frantz Fanon's Black Skin, White Masks. In J. Campbell & J. Harbord (Eds.), *Psycho-politics and cultural desires* (pp. 107–117). UCL Press.
- Loach, K. (Diretor). (2019). *Você não estava aqui* [Filme]. BBC Films, Sixteen Films.
- Marx, K. (1985). *O capital*. Abril Cultural.
- Mnookin, S., World Bank Group, & World Health Organization. (2016). *Out of the shadows: Making mental health a global development priority*. The World Bank.
- Monbiot, G. (2016). *How did we get into this mess?* Verso.
- Richards, I. A. (1942). Psychopolitics: A distinguished scholar proposes a new study—and a name for it—more pertinent to our problem than geopolitics. *Fortune*, 26, 108–109.
- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2000). Self-determination theory and the facilitation of intrinsic motivation, social development, and well-being. *American Psychologist*, 55(1), 68–78. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.55.1.68>
- Santos, B. I. A., & Camilo, J. A.O (2023). Análise fílmica de Pureza: uma discussão do trabalho decente a partir da escravidão contemporânea”. *Revista Trabalho En(Cena)*, 8(Contínuo), e023006. <https://doi.org/10.20873/2526-1487e023000>
- Standing, G. (2020). *O precariado: A nova classe perigosa*. Autêntica.
- Stiegler, B. (2008). Biopower, psychopower and the logic of the scapegoat. Conferência apresentada em *The Philosophy of Technology: A Colloquium with Bernard Stiegler*, Manchester Metropolitan University, 8 de março de 2008. <https://arsindustrialis.org/node/2924>

Contribuições dos autores	
Autora 1	Administração do Projeto, Metodologia, Investigação, Escrita – Primeira Redação
Autora 2	Escrita – Revisão e Edição, Validação e Visualização.
Autora 3	Investigação, Validação e Visualização